

Os bastidores do treinamento do cãozinho Pimpão

PÁGINA 3



Jacques Audriard no centro de polêmicas

PÁGINA 4



Cantor e compositor lança livro em HQ

PÁGINA 7



2º CADERNO

Marcelo D2 apresenta o álbum “Vol. 2: Tia Darci”, o segundo de quatro discos de seu Manual Prático do Novo Samba Tradicional

Sempre em busca da batida perfeita



Em seu novo trabalho, Marcelo D2 reafirma seu compromisso com a valorização das raízes do samba de mãos dadas à inovação

Divulgação e Gabriel Mota (foto maior)

Por Affonso Nunes

Desde que saiu em busca da batida perfeita, Marcelo D2 traçou um caminho de interseção entre hip hop e o samba. E ele segue fiel a essa trilha com o lançamento de “Vol. 2: Tia Darci”, o segundo álbum da ambiciosa quadrilogia “Manual Prático do Novo Samba Tradicional”.

Este novo trabalho é uma homenagem à tia Darci, figura central na vida de D2, e explo-

ra as raízes do samba, entrelaçadas com a batida pulsante da música eletrônica. “No samba, o Marcelo sempre foi conhecido como ‘o sobrinho da Darci’. Aqui, ele faz reverência a esse título. Buscou lá na tradição, nas suas raízes, o impulso para chegar no futuro”, revela Luiza Machado, parceira criativa, sócia e esposa de D2.

Marcelo D2 costuma dizer que “Tia Darci” é mais do que um álbum. É uma viagem pela memória e inovação, onde o passado e o presente se encontram em uma fusão rítmica única. E D2 convida o público a testemunhar essa transformação.

E nesta imersão D2 traz apenas uma faixa autoral: sua conhecida “Maldição do Samba”. Luiza Machado assina “Interlúdio”, uma exploração do pejeito. As cinco demais faixas são pérolas de autores como Sombrinha, Sereno, Arlindo Cruz e outros bambas.

A exposição “Manual Prático do Novo Samba Tradicional”, na Ocupação Iboru - espaço cultural idealizado pelo artista no Centro do Rio - oferece aos fãs uma visão dos bastidores do processo criativo de D2. Com instalações artísticas e conteúdo audiovisual, a exposição revela a jornada do músico desde a concepção da obra até seu lançamento nas

plataformas digitais.

D2 enfatiza a importância do público nesta jornada. “Estou seguindo o meu caminho à serviço do samba, o que mais quero é me aproximar cada vez mais do público, deixar geral entrar e ficar por dentro do que rola durante o processo de criação, como chegamos até aqui. O público é grande parte do Novo Samba Tradicional, tem que chegar junto, eu sou uma ferramenta”, destaca Marcelo D2. Com “Tia Darci” e a exposição imersiva, ele não apenas compartilha sua música, mas também a alma do samba, em uma fusão cativante de tradição e modernidade.

Delícias e sabores da canção brasileira

Acervo pessoal

‘Jambu’, de Lucas Bueno e Patrick Angello, exalta nossa essência ao flertar com o Brasil profundo

Por Affonso Nunes

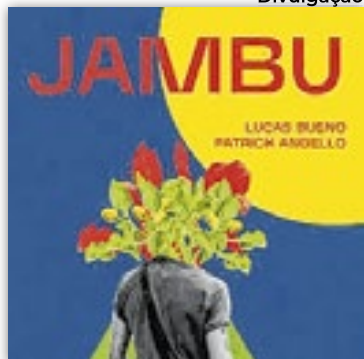
Lucas Bueno retorna à cena musical com “Jambu”, álbum que traduz o Brasil em melodia, texturas e sensações com gosto de fruta madura. Em parceria com o violonista Patrick Angello, o cantor e compositor percorre 11 faixas que exaltam o país em sua essência, das tradições amazônicas às paixões urbanas, das lendas e crenças populares aos sabores que ficam na boca e na memória. Se em “Lágrimas” — seu trabalho anterior, feito a quatro mãos com Paulo César Feital — o Brasil era cantado em suas secreções e dores, “Jambu” mostra um país de exuberância sensorial, entre comidas, mitos e corpos.

A faixa-título sintetiza essa proposta ao fazer da fruta amazônica uma metáfora do desejo como algo que se entranha na saliva, capaz de entorpecer e também de curar. “Sabes de onde vim?/ Belém do Pará/Pra te entorpecer/ Para colocar/Lábios de jambu/ Em pele de jambo”, canta Lucas em versos que diluem as fronteiras entre o que se come, o que se sente e o que se canta. A canção funde corpo, terra e sentimento.

O disco abre com “O Menino e o Cavaleiro da Lua”, parce-



Lucas Bueno e Patrick Angello nos bastidores da gravação de ‘Jambu’
Divulgação



ria com o historiador Luiz Antonio Simas, um poeta de olhar místico. Entre a toada e o samba, a canção traz a figura de São Jorge sob o olhar infantil, a primeira de muitas referências que

constroem um Brasil profundo e mágico, um fio condutor para o trabalho.

Essa mitologia brasileira está também em “Encontros em Mangueira”, um samba que imagina diálogos impossíveis entre bambas da estirpe de Cartola, Pelado, Carlos Cachaca, Zagaia, Donas Zica e Dona Neuma com mestres da música de concerto como Beethoven, Bach e Chopin. A partir desse encontro, Lucas sonha a intersecção de mundos, um dom de poeta.

Se há lenda e história, há também a pulsação, a ardência, o desejo. “Jambu” é a canção mais sensual do disco, e seu espírito segue em “Pé de Abiu” - o erotis-

mo se enlaça ao trágico. No jogo de sedução da letra, a erva seduz e envenena, como uma nova versão do mito da maçã e do pecado original. Esse jogo literário domina “Casa Amarela”, em parceria com Sombrinha. É um samba-blues? Sim, mas é samba de raiz.

Com Ana de Hollanda, Lucas compôs Mariedite”. Eis aqui uma mulher madura, do alto de sua solidão, à feição da poética de Aldir Blanc, com suas dores cotidianas. A influência blanchiana não é mera coincidência: é mais que nítida em “Entrevista”, com referências explícitas ao bardo da Muda: “Vi um psiquiatra/Um Jesus numa Cruz de

Malta/Gritei: é o Agnus Sei”.

A tampa do disco (royalties para o nosso querido colaborador Aquiles Reis) com “Rivotril”, um samba-choro com a grife de Paulo César Feital. A letra deste fazedor de sucessos entrega aquele fastio que nos toma de assalto diante da realidade: “Que se exploda essa nação”, canta Bueno, num brado que encontra eco em tanta gente.

“Jambu”, de Lucas Bueno, é uma quintal amplo, do tamanho do Brasil. O álbum oscila entre o delírio e a lucidez, entre o amor e a crítica, mas não abre mão da beleza que é ser brasileiro. Podemos provar desse trabalho, sem contra-indicações.

Por **Leonardo Volpato**
(Folhapress)

Quem vê o cãozinho Pimpão em “Ainda Estou Aqui”, filme que concorre a três Oscars, algumas vezes deve ter se surpreendido com a convincente “atuação” do bichinho. Porém, o que muita gente não faz ideia é do desafio que é fazer de um animal um bom ator. Dublês, descanso, muitos petiscos, repetição e sala especial com ar condicionado estão por trás da preparação.

Treinadora de Pimpão, que na vida real se chama Ozzy, a profissional In-Coelum Perdigão conta mais detalhes dos bastidores e de como foi o trabalho para fazer o cãozinho repetir em cena todos os comandos que eram necessários.

Segundo ela, que já ajudou a treinar animais em mais de 20 novelas na Globo e em diversos filmes, o diretor de “Ainda Estou Aqui”, Walter Salles, queria um cachorro que não parecesse um robô em cena. Ele também desejava que o cão aparecesse em duas fases diferentes de idade, ou seja, seria preciso ao menos dois animais para compor o elenco.

Quando Perdigão apresentou filhotes de 4 e 10 meses da raça jack russel terrier, o autor adorou. As gravações começariam num mês específico, mas acabaram sendo adiadas em seis meses. Então, os cães tiveram de ser trocados, já que cresciam com o decorrer do tempo. Os selecionados, em idades diferentes, foram os irmãos Suri e Ozzy, este o cão principal da maioria das cenas.

“O Salles queria um cão com aparência de abandonado, então fizemos uma maquiagem com rímel preto e areia para dar o aspecto de sujeira. E como o diretor não queria usar dois cães, o Ozzy era o titular e havia outros quatro cães bem parecidos que serviam como dublês para marcar algumas cenas e deixar o Ozzy descansar”, conta.

Além disso, o animal passou, literalmente, pelas mãos de todos os atores para que se acostumassem com eles e com as câmeras. Havia um veterinário em todas as cenas - eram duas a cada dia de gravação.



Bem treinado e cercado de carinho dos integrantes do elenco, Ozzy encarou o papel de Pimpão com profissionalismo

Ainda Estou Aqui: **au, au!**

Maquiagem, descanso e ar-condicionado: a preparação do cão Pimpão, uma atração à parte no nosso candidato ao Oscar

Para evitar o estresse, Ozzy tomava banho sempre após as cenas para tirar a maquiagem e a areia dos pelos e era seco. Depois, descansava numa sala com ar-condicionado especialmente preparada para ele ao lado do set.

Mas ele permanecia o tempo todo por perto para entender o ambiente ao qual estava inserido. Rapidamente, se afeiçãoou a todos, principalmente ao ator mirim Guilherme Silveira, que, segundo a treinadora, virou quase seu novo tutor,



Selton Mello e Ozzy no set de filmagens

tamanha a afeição entre os dois.

Ela conta que seu trabalho não está associado aos comandos clássicos de “deita”, “late” e “sentá”, e consiste em criar laços afetivos entre atores e cães - com ajuda de petiscos. “Quanto mais natural, melhor. A cena da praia em que o Pimpão chega até uma menina, nós o induzimos a ir até ela com afeto e estímulos de comida”, conta.

“Já uma cena em que Selton Mello está com ele no colo, eu indiquei o jeito correto de tocar no cão da forma que ele se rendesse, e o tom correto de voz. E deu muito certo”, comenta.

Ela também cita mais duas cenas cujo método usado reforça seu estilo de trabalho. Uma delas foi a cena do atropelamento do animal. A especialista afirma que nem en-

trava no set e que Guilherme, intérprete de Marcelo Rubens Paiva na infância, era o responsável por conduzir o Ozzy com muito afeto. “Apenas com toques e tom de voz, o cão apagou na cena do atropelamento sem a necessidade de dopá-lo ou dar algum remédio”, conta.

Ela completa que o take mais difícil com Ozzy/Pimpão foi a cena em que ele andava sozinho pela praia num plano geral e chegava até a rua. Era arriscado ele fugir e a treinadora não poderia estar perto para não vazar na gravação.

Então, gravou comandos de voz pelo celular e deixou escondido o aparelho com uma atriz figurante que a cada momento ligava o player para que o cão escutasse os comandos. Mais uma cena concluída com sucesso.

No próximo dia 2 de março, tanto “Ainda Estou Aqui” quanto a atriz Fernanda Torres, que interpreta Eunice Paiva, a protagonista da história, concorrem ao Oscar. Ozzy/Pimpão também faz parte dessa conquista, assim como a própria treinadora.

“Eu estou ansiosa como todos os brasileiros, me sinto orgulhosa por fazer parte disso. Uma conquista inédita que seria espetacular. No primeiro dia de filmagens, eu falei a todos que iria para o Oscar”, diz.

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Frente à pancadaria sofrida pelo musical “Emilia Pérez” e a estrela Karla Sofía Gascón, em meio à sua corrida rumo ao Oscar (num indisfarçável e imperdoável exercício de transfobia), outro de seu realizador, o francês Jacques Audiard, considerado seu exercício autoral mais polêmico, ganha novos holofotes, agora no streaming. Coroado com a Palma de Ouro, “Dheepan – O Refúgio” tomou uma surra quando arrebatou o prêmio máximo do Festival de Cannes, há dez anos. À época, os irmãos Joel e Ethan Coen (diretores de “Onde Os Fracos Não Têm Vez”) eram presidentes do júri da Croisette e preteriram o (então) favorito - “A Assassina”, de Hou Hsiao-Hsien – em prol de Audiard.

O olhar sociológico que aquele produção trazia, desafiando as convenções teóricas das universidades europeias (e mesmo da imprensa), cercou-a de inimigos (e antipatia), mas não diminuiu o amor dos Coen. A dupla consagrou aquele thriller social e deu ao realizador parisiense uma honraria invejável. Agora, o filme está na Prime Video (da Amazon), onde abre novas discussões. É da natureza do cinema moderno - primeiro o neorealismo, depois o cinemanovismo e, na sequência, o boom documental dos anos 1990/2000 - assumir a vitimização como uma ferramenta para o revisionismo sociológico.

De “Ladrões de Bicicleta” (1948) a “Vidas Secas” (1963), do marxismo de Ken Loach (“Kes”) ao inconformismo de Walter Salles (em “Linha de Passe”), chegando à Nueva Onda latino-americana da década de 2000, diretores responsáveis por usar a câmera para “escrever” a poética política da exclusão retrataram pobres como vítimas, calcando-se em fatos, mas também num olhar paternal nietzschiano. Mais do que a opressão, a pobreza sugeria um estado de desamparo e imobilidade, calcado em personagens desprotegidos, à mercê da submissão.

A imobilidade financeira talvez até não comportasse metáforas, mas por que assumir uma imobilidade existencial nos personagens, como muito se fez? Essa é a questão que “Dheepan” abriu. E se essa lógica de paralelismo entre cordeiros e aves de rapina, entre periferia e centro, pudesse se inverter e, no lugar de um carneiro manso, a “vítima” das hipocrisias do assistencialismo, da indiferença do Estado e da invisibilidade econômica fosse um bárbaro selvagem, com total domínio da artesanaria da Morte, apto a lutar, atirar, manejar facões? É essa reflexão que Audiard trouxe em 2015, numa estrutura narrativa afi-



‘Dheepan’, ganhador da Palma de Ouro de 2015, ganha vulto mesmo com toda a polêmica envolvendo seu realizador, Jacques Audiard

Refúgio para a **controvérsia**

Rachando opiniões e colecionando inimigos com ‘Emilia Pérez’, Jacques Audiard ganha nova vitrine no streaming para o thriller que lhe valeu a Palma de Ouro há dez anos, ‘Dheepan’

nadíssima com os códigos dos filmes de ação e também com a sociologia do Velho Mundo, aqui refinada por uma montagem regada a adrenalina.

Sua coroação com a Palma dourada foi mais do que honra ao mérito de sua percepção antropológica e de seu humanismo, mas também um (merecido) reconhecimento às contribuições de Audiard ao cinema de nosso tempo - em especial o cinema de sua pátria, a França. O cineasta é um campeão de bilheteria com interseções de gêneros como o drama carcerário com alma de filme de gangster “O Profeta” (visto por 1,3 milhão de franceses

Why Noit Productions/Divulgação

lhetim armado. Seu protagonista, Jesuthasan Antonythasan, é um escritor que, dos 16 aos 19 anos, integrou um movimento militante no Sri Lanka. Com uma retidão assombrosa, Antonythasan interpreta Dheepan, soldado com mais de uma década de mortes nas costas que decide virar as costas para os movimentos armados de seu país e tentar a sorte na Europa. Por um acordo político ilegal, ele precisa levar consigo a menina Illayaal (Claudine Vinasithamby) e a jovem Yalini (a indiana Kalieaswari Srinivasan), como se elas fossem sua filha e sua mulher. Ele aceita e inicia uma vida com as duas - sem muitos laços de afeto - na França, trabalhando como vendedor de bugigangas pelas ruas até assumir um serviço de zelador em um conjunto habitacional assolado pelo tráfico de drogas.

Além de impressionar pela conversão de um não-ator em uma força da natureza dramática, “Dheepan - O Refúgio” surpreende - e a surpresa aumenta quando o filme é visto uma segunda ou uma terceira vez - pela habilidade de Audiard em alterar o foco do nosso olhar. Ele converte o que parece ser uma crônica politizada sobre a acomodação de uma massa de desvalidos econômicos em um espetáculo belicista de grudar plateia na poltrona, com ecos de “Cidade de Deus” (2002). Dheepan trocou de pátria e de caminho, optando pelo Bem, mas não deixa morrer o matador que existia dentro dele. Mestre absoluto na Europa em representar confrontos a chumbo quente, como se vê em “Emilia Pérez”, Audiard cria sequências de combate padrão Stallone, com seu protagonista virando vigilante em nome de uma palavra cada vez mais ausente das relações sociais: o amor. No visual, a fotógrafa Éponine Momeceau (uma colorista de formação, com traquejo na seara documental) nos mostra uma França suburbana suja, poluída de dispersões e revivificada pelo colorido das peles de imigrantes que, como Dheepan, estão para desenhar uma nova realidade. Uma realidade mestiça e amorosa, como num cão que afaga, mas também sabe morder, sem precisar latir para isso.

Ímã de controvérsias por conta de declarações polêmicas de Karla Sofía Gascón, “Emilia Pérez” estreia no Brasil nesta quinta. Briga por 14 Césares, 11 Baftas e ao Goya de Melhor Filme Europeu. Tem 13 indicações ao Oscar, onde enfrenta “Ainda Estou Aqui” nas categorias Melhor Filme, Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz. Na trama, um chefe do crime do México, Manitas (Gascón), recorre à uma advogada (Zoe Saldaña) para transicionar, assumindo identidade feminina. Regressa com o nome de Emilia e encara a violência dos cartéis, além de conflitos com a ex-mulher.



Gáscon e Audiard: apesar da ‘pancadaria’, ‘Emilia Pérez’ chega forte ao Oscar com 13 indicações

em 2009) e o melodrama com musculatura de thriller criminal “Ferrugem e Osso” (prestigiado por 1,8 milhão de pagantes na França em 2012). Este último está na Prime Video também. Outro de seus longas, “Paris, 13 Distrito”, está na MUBI.

São amostras do chamado “blockbuster de autor”: longas de risco na pesquisa formal que consegue falar com multidões e gerar boca a boca. “Dheepan” arrancou em seu primeiro mês em cartaz chegando à casa dos 548 mil ingressos vendidos no país natal do realizador, sem ter rosto famoso algum no qual se apoiar. Sua grife é sua estética: o fo-

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

No páreo pelo Oscar de Melhor Roteiro Original, numa indicação dividida com seus coautores Moritz Binder e Alex David, o cineasta suíço Tim Fehlbaum encara os (muitos) frutos colhidos por “Setembro 5” - que pode abocanhar a estatueta dourada de Hollywood - como um tributo à arte do jornalismo. O ator Sean Penn, que é um fã das dinâmicas da reportagem e, vez por outra, arrisca-se a assinar artigos em jornais dos EUA, foi seu produtor no thriller (já em cartaz no Brasil) sobre as Olimpíadas de Munique.

Limite a preposição “sobre” na frase acima às horas que a equipe da ABC Sports dedicou à triagem e à cobertura dos atentados terroristas do 5 de setembro daquele ano. Onze atletas e um policial foram mortos no episódio que transformou aquela edição dos Jogos Olímpicos numa tragédia.

“A sensação de claustrofobia que dá tom à narrativa é um reflexo da sala de controle de edição de imagens de onde os jornalistas precisam decidir o ângulo a ser aplicado. Escolhi narrar todo o filme do ponto de vista daquela sala, com a notícia correndo ao lado de fora”, disse Fehlbaum ao Correio da Manhã, em papo via Zoom organizada pela distribuidora Paramount, em meio à inclusão do longa na disputa pelo Globo de Ouro de Melhor Filme.

Numa abordagem tensa, quase 100% centrada no ambiente chamado switcher (sala onde se editam as cenas que vão ar na TV), “September 5” (título original) conversa diretamente com os fatos narrados por Steven Spielberg há 20 anos, no sucesso de público “Munique” (2005).

O diretor de “A Lista de Schindler” (1993) reviveu o ataque à delegação de atletas de Israel - perpetrado pelo grupo palestino Setembro Negro - a partir de uma caçada aos criminosos pelo planeta adentro. Fehlbaum toma outro foco. Ele se concentra nas



“Setembro 5” revive a operação jornalística de repórteres envolvidos na transmissão dos Jogos Olímpicos de Munique

Jornalismo como arte... e tensão

Ao recriar os atentados terroristas dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, ‘Setembro 5’ leva às telas a luta de repórteres esportivos diante de uma tragédia retratada em tempo real

decisões dos repórteres esportivos da emissora ABC que cobriam competições (até então) sem lances emocionantes. Roone Arledge (papel do ator Peter Sarsgaard) era o executivo na linha de frente e coube a ele decidir que rumos tomar diante do ocorrido: seguir a transmitir casos sobre as disputas ou concentrar a cobertura do crime que se desenhava?

“Quis fazer um uma homenagem ao mundo analógico neste momento em que a cultura se rende à tecnologia digital, recriando o espaço das pautas como ele era na década de 1970, sem a aparelhagem que temos hoje”, diz Fehlbaum, um realizador conhe-

“Quis fazer um uma homenagem ao mundo analógico neste momento em que a cultura se rende à tecnologia digital”

Tim Fehlbaum

cido por ficções científicas como “Refúgio” (2021) e “Um Inferno” (2011).

Além de Arledge, dois outros personagens são fundamentais para o entendimento do conflito em cena: o produtor de reportagens Geoffrey Mason, vivido por John Magaro, e a repórter alemã Marianne Gebhardt, um poço de retidão profissional encarnado com brio por Leonie Benesch. “Meu empenho é entender aquele ambiente profissional num período de tensão”, diz o diretor.

Num balé aeróbico de closes e planos gerais, a fotografia de Markus Förderer tonifica o clima convulsivo da montagem de Hansjörg

Weissbrich com uma seleção cálida de cores, o que dá a “Setembro 5” um ritmo de panela de pressão em fervura. Os nervos de todos os que estão em cena comprimem-se pela responsabilidade de manter uma transmissão crítica, atenta aos rumos das negociações com os terroristas, e com medo de que os inocentes morram. A montagem joga inteligentemente com elementos documentais ao incorporar imagens de arquivo do programa “Wide World of Sports” em sua estrutura de linguagem. Nesse trânsito eletrizante pelo documentário, Fehlbaum oxigena a linguagem de incursões cinematográficas ao universo de quem conjuga o verbo “noticiar” numa desinência humanista.

“As grandes questões que meu filme evoca conversam com ‘Todos Os Homens Do Presidente’ e ‘Rede de Intrigas’, expressões cinematográficas sobre o papel ético do jornalismo”, analisa Fehlbaum. “A diferença é que esses cults abordavam as consequências dos casos sobre os quais se debruçavam. Meu filme fala de um momento e da resposta de jornalistas a ele”.

Reprodução TV Globo

CORREIO CULTURAL

Reprodução Instagram



Especula-se que Karla Gáscon não irá ao evento

Festival anuncia Fernanda Torres e Karla Sofia Gáscon em painel

O Festival Internacional de Cinema de Santa Barbara divulgou que a atriz Fernanda Torres, estrela de “Ainda Estou Aqui”, e o ator Sebastian Stan, de “O Aprendiz”, devem se unir a nomes como Karla Sofía Gascón, Selena Gomez, colegas de elenco em “Emilia Pérez”, e Ariana Grande, do musical “Wicked”, em um painel previa-

mente confirmado para este sábado (8).

Organizado na cidade californiana, o festival reforça a chamada Oscar Season, sendo reconhecido por promover painéis com artistas indicados ou que tenham participado de filmes nomeados ao Oscar e de destaque na temporada de premiações de Hollywood.

Encontro público

Esta pode ser a primeira reunião entre Fernanda Torres e Karla Gascón desde o início de uma série de polêmicas envolvendo uma fala da protagonista de “Emilia Pérez”, que se queixa do público brasileiro por falar mal do filme e sua performance.

Encontro público II

Primeira atriz trans indicada ao Oscar, ela também está envolvida em uma polêmica devido a antigos tuítes com comentários críticos sobre o islamismo, George Floyd e a diversidade na cerimônia do Oscar. Especula-se que ela não compareça ao painel.

Alô, Unesco!

O Iphan indicou dois teatros da Amazônia à lista do Patrimônio Mundial da Unesco, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Os candidatos são o Teatro Amazonas (Manaus) e o Teatro da Paz (Belém).

Alô, Unesco! II

Os dois teatros são símbolos do ciclo da borracha da Amazônia, com influência europeia na arquitetura e nas artes, sem deixar de incorporar características locais. A proposta será avaliada pelo Comitê do Patrimônio Mundial, formado por 23 países.



Para Boni, os participantes do BBB falam muita besteira graças ao efeito álcool; o ex-diretor da Globo disse ainda que diverge profissionalmente de seu filho Boninho que comandava a atração até o ano passado

Boni, ex-todo poderoso da Globo, detona o BBB: ‘É besteiro!’

Executivo diz que emissora deveria poupar o espectador de conteúdo tão superficial e revela que nunca se interessou pelo trabalho do filho Boninho no comando da atração

Reprodução Instagram



Por **Leonardo Volpato**
(Folhapress)

Se dependesse do ex-diretor da Globo José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, o BBB não seria exibido todos os dias. Para ele, o ideal seria esconder o reality na programação para “poupar os telespectadores” do que ele chamou de “besteiro!”.

“É um besteiro. Eu colocaria de sábado à tarde, uma vez por semana, para poupar o telespectador que é inocente e não tem a obrigação de ver aquilo”, disse em entrevista ao videocast Achismos no YouTube.

Boni despreza o formato e diz

que nunca quis assistir ao trabalho do filho, Boninho, que até 2024 participava de tudo com relação ao programa. “Nunca gostei do BBB, desde o começo, mas não é pelo programa em si. Acho besteira o

que aquelas pessoas dizem, muitas vezes estimuladas pelo álcool. Preferia um texto do Dias Gomes [1922-1999] porque me diz alguma coisa mais útil”, afirmou.

“Eu faria um outro divertimento, mas sei que o programa é um sucesso enorme no mundo inteiro. O Boninho sempre fez o melhor Big Brother do mundo. Agora esse negócio de dupla não deu certo”, emendou o ex-diretor sobre a dinâmica atual do BBB 25.

Segundo ele, papo de trabalho não acontece com o filho, pois ambos pensam muito diferente. “Temos um acordo. Boninho é muito competente e um profissional extraordinário. Não falamos de televisão porque não pensamos da mesma forma. Às vezes ele está certo, eu estou errado. A gente toma um vinhozinho, fala de família, de viagem, temos essa afinidade. Mas de televisão não vamos falar”, completou o executivo de 89 anos e que atualmente é sócio de uma afiliada da Globo no interior de SP.

Por Affonso Nunes

Renomado cantor e compositor, Antonio Carlos Marques Pinto, o Antonio Carlos da dupla com Joca-fi, estreia na literatura em quadrinhos aos 79 anos. Com uma carreira musical de 55 anos ao lado do parceiro, ele lança “CNOOC - A Inteligência do Futuro”, uma obra seriada voltada ao público infantojuvenil. A trama aborda a preservação do planeta e promove o intercâmbio cultural entre Brasil e China, sendo publicada em português e mandarim. O livro conta com ilustrações de Rafael Cotrim e edição geral e adaptação para audiolivro de Ana Hertz.

O lançamento oficial está marcado para o dia 14 deste mês. No dia 19, durante o Festival da Primavera no Theatro Municipal, serão distribuídos gratuitamente 500 exemplares. A obra também será distribuída em escolas e bibliotecas públicas e estará disponível gratuitamente em formato de audiolivro e e-book.

Na trama, CNOOC, um habitante do futuro, viaja no tempo para impedir a catástrofe ambiental que devastou a Terra. No passado, ele encontra Talita, uma estudante dedicada; Juju, uma funkeira irreverente; e Boyu, uma jovem de origem chinesa que enfrenta dificuldades de aceitação e bullying. Juntos, embarcam em aventuras que exploram tanto questões ambientais quanto eventos históricos, como a Inconfidência Mineira e a fictícia Dinastia Su, inspirada no conto chinês “O Vaso e a Semente”. A proposta é que cada volume traga novos episódios das culturas dos dois países.

“Essa história vem sendo escrita há anos! Ela surgiu de um livro que já tinha essa proposta educativa para estudantes, com uma linguagem acessível. A ideia de um ser do futuro que retorna ao passado para tentar corrigir os erros da humanidade sempre me fascinou”, revela o artista baiano, que destaca a importância da colaboração do ilustrador Rafael Cotrim.

O viés chinês da obra se deve à colaboração com a empresária e produtora Márcia Melchior, presidente da Associação de Arte e Cultura RioMont, que fomenta o intercâmbio artístico entre Brasil e China. Após o lançamento no Brasil, o livro será publicado também na China.

“A China é um país fascinante, rico em história e cultura. Com esse livro, quero



Antonio Carlos sobre a obra: ‘Passei a vida escrevendo canções. Escrever é uma grande paixão! E me sinto honrado em contar histórias, de um jeito tão moderno e acessível, para os jovens’

Do palco para os gibis

Antonio Carlos, da dupla com Joca-fi, estreia como autor de HQ com ‘CNOOC - A Inteligência do Futuro’, voltado ao público infantojuvenil



convidar os leitores a conhecerem um pouco mais dessa nação”, afirma o autor.

Apesar do desafio de escrever para

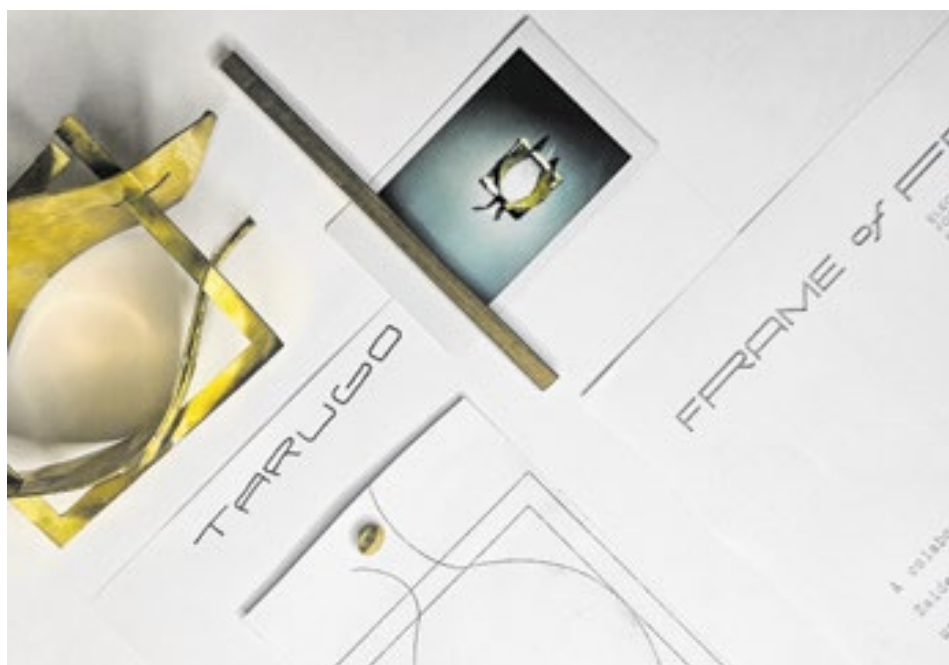
o público infantojuvenil aos 79 anos, Antonio Carlos se sente à vontade. Sua recente colaboração musical com nomes

como BaianaSystem e DJ Alok demonstra sua sintonia com os jovens. Além disso, ele dirige a Orquestra Forte de Copacabana, formada por 25 jovens musicistas e reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial do Rio de Janeiro.

“Sempre estive próximo dos jovens, seja ensinando harmonia e improvisação, seja observando suas questões e interesses. Esse livro reflete essa convivência e busca apresentar temas fundamentais de forma lúdica e envolvente”, explica.

Com mais de 10 livros já escritos e ainda não publicados, Antonio Carlos se sente cada vez mais à vontade na literatura, sem abrir mão da música. “Sou compositor. Passei a vida escrevendo canções. Escrever é uma paixão e contar histórias para os jovens de um jeito moderno e acessível é uma grande alegria. Os leitores vão se surpreender com essa saga. Mal posso esperar pelos próximos volumes”, revela.

A carreira musical de Antonio Carlos tem início em 1969 ao lado do amigo Joca-fi. A dupla alcançou grande sucesso na década seguinte com hits como “Você Abusou” e “Kabaluerê”. Suas músicas foram gravadas por artistas renomados e integraram trilhas de novelas. A parceria com Joca-fi segue ativa e os dois se juntaram a Russo Passapusso e o BaianaSystem para lançar o premiado álbum “Alto da Maravilha” (2022).



Prontas para brilhar

Designer goiana Eleonora Hsiung leva suas joias autoriais à Semana de Moda de NY

A criatividade disruptiva e a autenticidade da designer de joias Eleonora Hsiung colocam a moda goiana em evidência no cenário internacional. Pela primeira vez, suas joias e acessórios exclusivos marcarão presença na New York Fashion Week (NYFW), um dos eventos de moda mais prestigiados do mundo.

O desfile acontece neste sábado (8) no Sony Hall, localizado na Times Square.

As peças criadas no atelier de Eleonora, em Goiânia, estão na reta final de produção e incluem brincos, colares, anéis, acessórios de mão e cabeça, além de uma armadura conceitual que compõe a coleção "Frame of Freedom", da marca Kennzai. A coleção é assinada pela estilista goiana Bel Zaiden, radicada em Nova York há nove anos, onde se formou em moda em uma das melhores universidades dos Estados Unidos.

"Neste dia, a moda será mais do que rou-



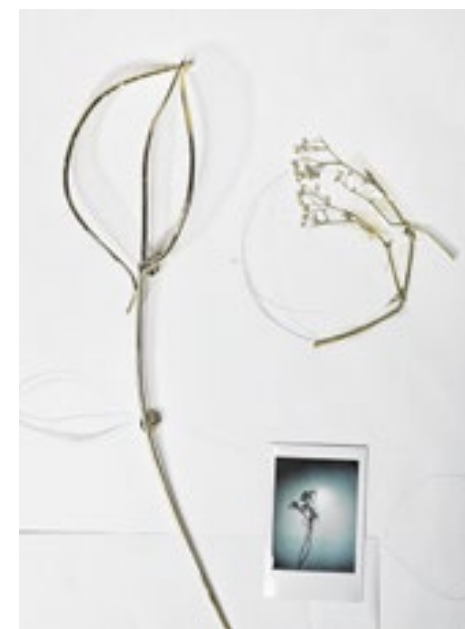
pas e acessórios; será um manifesto criativo, onde arte, liberdade e criatividade disruptiva se encontram no palco da maior semana de moda do mundo", destaca Eleonora.

O convite para participar da NYFW é um marco na trajetória do atelier, que desde sua fundação em 2010 se consolidou como referência no design contemporâneo, combinando conceito, atitude e inovação técnica. Suas criações já estiveram na São Paulo



Fotos/Divulgação

Eleonora Hsiung e os croquis das peças que estarão presentes no desfile da grife Kennzai na New York Fashion Week



exposição "Room With A View" e do conceito de "liminality". Criado pelo antropólogo Van Gennep, o termo descreve estados de transição e transformação, que se tornaram forças norteadoras da produção da designer. "Fazer parte de uma narrativa tão rica foi uma oportunidade de beber de duas fontes criativas: o trabalho de Bel Zaiden e o universo reflexivo de Aida", explica a designer. A abordagem permitiu ao atelier explorar materiais e formas que conectam arquitetura, moda e poesia visual, resultando em peças que dialogam diretamente com a essência da coleção.

A estilista Bel Zaiden destaca a parceria com Eleonora como um reflexo do poder transformador da criatividade. "A coleção de estreia da Kennzai na NYFW é um manifesto criativo que celebra a independência feminina e o poder da expressão individual", pontua.

A presença de Eleonora na NYFW representa não apenas visibilidade internacional, mas também a afirmação do design autorial brasileiro no palco global. "Nosso DNA ousado e inconformista reflete a linguagem arquitetônica e a estética fluida da Kennzai, mostrando que os acessórios podem ser protagonistas na composição de um visual", destaca Eleonora. "Levar o design brasileiro e goiano para a cena mundial é um grande passo na nossa trajetória", completa.

Fashion Week e em colaborações com marcas renomadas como Melissa, Acquastudio, Helô Rocha, Walério Araújo, Juliana Jabour e Lenny Niemeyer. Além disso, suas joias adornaram personalidades como Gisele Bündchen, Iggy Pop, Ivete Sangalo, Mariana Ximenes, Costanza Pascolato e Anitta.

A inspiração para a nova coleção, conta Eleonora, veio do trabalho da artista do Azerbaijão Aida Mahmudova, especialmente da